

MENSAGEM PARA A JORNADA DE SANTIFICAÇÃO DO CLERO 2018

Caros Sacerdotes,

A Jornada de Santificação do Clero, celebrada na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, nos oferece a ocasião de nos determos na presença do Senhor, para renovar a memória do nosso encontro com Ele e, assim, revigorar a nossa missão a serviço do Povo de Deus. Não devemos nos esquecer, de fato, que o fascínio da vocação que nos atraiu, o entusiasmo com o qual escolhemos caminhar no caminho da consagração especial ao Senhor e os prodígios que vemos na nossa vida presbiteral têm a sua origem no cruzamento de olhares que ocorreu entre Deus e cada um de nós.

Todos nós, de fato, “tivemos na nossa vida algum encontro com Ele” e cada um de nós pode fazer a própria memória espiritual e retornar à alegria daquele momento “no qual eu senti que Jesus me olhava” (PAPA FRANCISCO, *Homilia Santa Marta*, 24 de abril de 2015).

Também os primeiros discípulos viveram a alegria da amizade com Jesus, que mudou para sempre a sua vida. Todavia, depois do anúncio da Paixão, sobre o seu coração estendeu-se um véu de obscuridade que escureceu o seu caminho. O ardor do seguimento, o sonho do Reino de Deus inaugurado pelo Mestre e os primeiros frutos da missão chocam-se agora com uma realidade dura e incompreensível, que faz vacilar a esperança, alimenta as dúvidas e ameaça apagar a alegria do anúncio do Evangelho.

É o que pode acontecer sempre, também na vida do Sacerdote. A grata memória do encontro inicial, a alegria do seguimento e o zelo do ministério apostólico, talvez levado adiante por anos e em situações nem sempre fáceis, podem dar lugar ao cansaço ou ao desencorajamento, fazendo avançar o deserto interior da aridez e envolvendo a nossa vida sacerdotal na sombra da tristeza.

Exatamente nesse momento, porém, o Senhor, que jamais se esquece da vida dos Seus filhos, nos convida a subir com Ele ao Monte, como fez com Pedro, Tiago e João, transfigurando-se diante deles. Conduzindo-lhes “ao alto” e “à parte”, Jesus lhes faz completar a maravilhosa viagem da transformação: do deserto ao Tabor e da escuridão à luz.

Caros Sacerdotes, temos necessidade, a cada dia, de sermos transfigurados por um encontro sempre novo com o Senhor que nos chamou. Deixar-nos “conduzir

para o alto” e ficar “à parte” com Ele não é um dever do ofício, uma prática exterior ou uma inútil subtração de tempo às incumbências do ministério, mas a fonte jorrante que corre em nós para impedir que o nosso “eis-me aqui” resseque e torne-se árido.

Contemplando a cena evangélica da Transfiguração do Senhor, podemos então tomar três pequenas passagens, que nos ajudarão a confirmar a nossa adesão ao Senhor e a renovar a nossa vida sacerdotal: *subir ao alto*, *deixar-se transformar*, *ser luz para o mundo*.

1. **Subir ao alto**, porque se permanecermos sempre centrados nos afazeres, corremos o risco de nos tornar prisioneiros do presente, de ser sugados pelas incumbências cotidianas, de ficar excessivamente concentrados sobre nós mesmos e, assim, de acumular cansaços e frustrações que poderiam ser letais. Do mesmo modo, “subir ao alto” é o antídoto contra aquelas tentações da “mundanidade espiritual” que, também por trás de aparências religiosas, afastam-nos de Deus e dos irmãos e nos fazem colocar segurança nas coisas do mundo. Temos necessidade, ao invés, de imergir a cada dia no amor de Deus, especialmente através da oração. Subir ao monte nos recorda que a nossa vida é um ascender constante à luz que provém do alto, uma viagem ao Tabor da presença de Deus, que escancara horizontes novos e surpreendentes. Essa realidade não quer nos fazer fugir das ocupações pastorais e dos desafios cotidianos que nos alcançam, mas intende recordar-nos que Jesus é o centro do ministério sacerdotal e que tudo podemos somente naquele que nos dá força (Fl 4,13). Por isso, “A subida dos discípulos ao monte Tabor nos induz a refletir sobre a importância de apartarmo-nos das coisas mundanas, para cumprir um caminho para o alto e contemplar Jesus. Trata-se de nos dispormos à escuta atenta e orante de Cristo, o Filho amado do Pai, buscando momentos de oração que permitam o acolhimento dócil e alegre da palavra de Deus” (PAPA FRANCISCO, *Angelus*, 6 de agosto de 2017).
2. **Deixar-se transformar**, porque a vida sacerdotal não é um programa no qual tudo já está sistematizado de antemão ou um ofício burocrático a ser exercido de acordo com um esquema preestabelecido; ao contrario, ela é a experiência viva de uma relação cotidiana com o Senhor, que nos torna sinal do Seu amor junto ao Povo de Deus. Por isso, “não poderemos viver o

ministério com alegria sem viver momentos de oração pessoal, face a face com o Senhor, falando, conversando com Ele” (PAPA FRANCISCO, *Encontro com os párocos de Roma*, 15 de fevereiro de 2018). Nessa experiência, somos iluminados pelo Rosto do Senhor e transformados pela Sua presença. Também a vida sacerdotal é um “deixar-se transformar” pela graça de Deus, para que o nosso coração se torne misericordioso, inclusivo e compassivo como o de Cristo. Trata-se simplesmente de ser – como recordou recentemente o Santo Padre – “padres normais, simples, mansos, equilibrados, mas capazes de se deixar constantemente regenerar pelo Espírito” (PAPA FRANCISCO, *Homilia Concelebração Eucarística com os Missionários da Misericórdia*, 10 de abril de 2018). Essa regeneração acontece primeiramente através da oração, que muda o coração e transforma a vida: cada um de nós “torna-se” Aquele que ora. Fará bem recordar, nesta Jornada de Santificação, que “a santidade faz-se de abertura habitual à transcendência, que se exprime na oração e na adoração. O santo é uma pessoa de espírito orante, que tem necessidade de comunicar-se com Deus” (PAPA FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, n.147). Subindo ao Monte, seremos iluminados pela luz do Cristo e poderemos descer ao vale e levar a todos a alegria do Evangelho.

3. **Ser luz para o mundo**, porque a experiência do encontro com o Senhor nos envia na estrada do serviço aos irmãos, a Sua Palavra recusa-se a fechar-se no privado da devoção pessoal e no perímetro do templo e, sobretudo, a vida sacerdotal é um chamado missionário, que exige a coragem e o entusiasmo de sair de si mesmo para anunciar ao mundo inteiro tudo quanto ouvimos, vimos e tocamos na nossa experiência pessoal (cf. 1Jo 1,1-3). Fazer conhecer aos outros a ternura e o amor de Jesus, para que cada um possa ser alcançado pela Sua presença que liberta do mal e transforma a existência, é a primeira tarefa da Igreja e, por isso, a primeira grande ocupação apostólica dos presbíteros. Se existe um desejo que devemos cultivar, é o de “ser padres capazes de levantar no deserto do mundo o sinal da salvação, isto é, a Cruz de Cristo, como fonte de conversão e de renovação para toda a comunidade e para o próprio mundo” (PAPA FRANCISCO, *Homilia Concelebração Eucarística com os Missionários da Misericórdia*, 10 de abril de 2018). O fascínio do encontro com o Senhor deve

encarnar-se em um empenho de vida a serviço do Povo de Deus que, prosseguindo frequentemente no vale obscuro das fadigas, do sofrimento e do pecado, tem necessidade de Pastores luminosos e radiantes como Moisés. De fato, “ao término da experiência admirável da Transfiguração, os discípulos desceram do monte (cf. v. 9). É o percurso que podemos completar também nós. A redescoberta sempre mais viva de Jesus não é uma finalidade em si mesma, mas no induz a ‘descer do monte’... Transformados pela presença de Cristo e pelo ardor da sua palavra, seremos sinal concreto do amor vivificante de Deus por todos os nossos irmãos, especialmente por quem sofre, por quantos se encontram na solidão e no abandono, pelos doentes e pela multidão de homens e de mulheres que, em diversas partes do mundo, são humilhados pela injustiça, pela prepotência e pela violência” (PAPA FRANCISCO, *Angelus*, 06 de agosto de 2017).

Caros Sacerdotes, a beleza deste dia, consagrado ao Coração de Jesus, possa fazer crescer em nós o desejo da santidade. A Igreja e o mundo têm necessidade de Sacerdotes santos! O Papa Francisco, na nova Exortação Apostólica sobre a santidade, *Gaudete et Exsultate*, reportou à memória os Sacerdotes apaixonados em comunicar, em anunciar o Evangelho, afirmando que “a Igreja não tem necessidade de tantos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora” (PAPA FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, n. 138). Será necessário para nós completar, primeiro interiormente, esse caminho de transfiguração: subir ao Monte, deixar-se transformar pelo Senhor, para depois tornar-se luz para o mundo e para as pessoas que nos são confiadas. Possa Maria Santíssima, Mulher luminosa e Mãe dos Sacerdotes, acompanhar-vos e guardar-vos sempre.

Tradução: Pe. Clodomiro de Sousa e Silva